

DETERMINISMO E POSSIBILISMO: uma análise epistemológica e crítica

Determinism and possibilism: an epistemological and critical analysis

Cristiano Nunes de Souza¹
Jackson Mateus da Silva¹
José Alexandre de Quadros¹
Adriana Iaroczinski¹

Resumo: Este artigo visa apresentar algumas das ideias norteadoras, segundo o pensamento geográfico predominante da escola geográfica determinista alemã, originada principalmente dos escritos do alemão Friedrich Ratzel e da escola geográfica possibilista francesa, esta originada principalmente dos escritos de Paul Vidal de La Blache. A partir daí, tecerá uma análise epistemológica e crítica acerca destes pensamentos e de como o pensamento geográfico majoritário os trata, mostrando as possíveis inconsistências e contradições deste pensamento comum, em que as ideias originais foram deturpadas, principalmente pela escola alemã, que foi atacada e menosprezada por grande parte da escola geográfica, enquanto a escola francesa foi defendida e enaltecida por eles. Abordará também a dicotomia de como estas escolas geográficas foram tratadas nos principais documentos de educação brasileiro e paranaense, sendo o PCN e a DCE, respectivamente.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia. Determinismo. Possibilismo.

Abstract: This article aims to present some of the guiding ideas, according to the predominant geographic thinking, geographical determinist school originated mainly from the writings of the German Friedrich Ratzel and geographical possibility French school originated mainly from the writings of Paul Vidal de La Blache, from then on, epistemological analysis or criticism about these thoughts and how the majority treats geographical thought, showing the possible inconsistencies and contradictions of this common thinking and original ideas were misleading, especially the German school, which was attacked and belittled by much of the school, while the French school was defended and enaltecí Also addressed the dichotomy of how these schools were treated in major geographical documents and education of Paraná, the PCN and the DCE respectively.

Keyword: Epistemology of Geography. Determinism. Possibilism.

Introdução

Algumas dúvidas afligem a humanidade a muito tempo, particularmente as que tratam do relacionamento do homem com a natureza, pois despertam muita curiosidade em todo o mundo. Enquanto ser “dominador e transformador” do meio natural, nos indagamos se existe influência ou não da natureza no desenvolvimento humano sobre o espaço, e até onde vai esta influência e quais suas implicações. Com o desenvolvimento das ciências, estas dúvidas passaram a ser objetos de estudo e pesquisa. Coube à Geografia, como ciência que estuda o homem, o meio ambiente e suas relações, tornar estas dúvidas uma das suas principais áreas de estudo, e decorrente disto, de muitas polêmicas, em que a divergência da escola alemã determinista e a escola francesa possibilista será o tema deste pequeno artigo.

Ao se comparar a obra de Friedrich Ratzel (1844-1904) com a de Paul Vidal de la Blache (1845-1918), costuma-se opor o pensamento “determinista” do primeiro ao pensamento “possibilista” do segundo. Esta oposição provém, em grande parte, das afirmações partidárias

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

e tendenciosas de Lucien Febvre, que, para melhor apontar os possíveis erros de Ratzel, caricaturou seu pensamento, relegando-o a algumas afirmações isoladas, revestidas sob o pejorativo nome de “determinismo”. No entanto, não parou por aí, ao contrário, para garantir o triunfo de La Blache sobre Ratzel, atribuiu ao francês a paternidade de um pensamento, o “possibilismo”, cuja principal qualidade era, justamente, invalidar o falacioso determinismo. Porém, por tanto querer colocar os dois geógrafos um contra o outro, Febvre não fez justiça nem a um e nem a outro, já que como veremos, os próprios Ratzel e La Blache não concebiam seus pensamentos como determinista ou possibilista e deixaram margem para diálogo entre suas ideias.

O alemão Friedrich Ratzel, com sua obra, foi de grande importância para a sistematização da Geografia moderna, pois desenvolveu uma das formulações pioneiras de um estudo geográfico especialmente direcionado à discussão dos problemas humanos, o qual chamou de Antropogeografia. Seu estudo teórico, com grande caráter interdisciplinar, teve a preocupação principal de entender as diversas formas de circulação de pessoas e bens materiais; a difusão e a distribuição dos povos sobre a superfície terrestre; a influência das condições naturais sobre o comportamento humano, que culminariam no determinismo; as formações do território, e intimamente ligada a estas, a dimensão política da relação homem-natureza.

Caberá a Paul Vidal de la Blache a grande tarefa de implantar e institucionalizar a Geografia na França e por mais contraditório que pareça para alguns, ele toma como referência as obras e os pensamentos de geógrafos alemães (Humboldt, Ritter e, inclusive, Ratzel). La Blache cria com originalidade a sua geografia e dá sustentação para a criação da Escola Francesa de Geografia, que irá, durante longo tempo, influenciar o desenvolvimento dessa ciência em diversas partes do mundo. Seu pensamento geográfico se embasará principalmente nas ideias de totalidade, do “possibilismo”, do mapeamento das densidades e do gênero de vida.

Destarte, podemos notar que as obras dos dois geógrafos estão longe de serem algo simples e acabado, e que elas suscitam muitas indagações e exaltam os ânimos de diversos estudiosos da geografia e outras ciências, além de já terem sido usadas como “armas” nas mãos de governos. Estes são alguns poucos motivos da importância de sua análise mais profunda, a qual faremos neste artigo. Iniciaremos fazendo uma breve análise do pensamento determinista e possibilista aos olhos do pensamento geográfico majoritário no Brasil, após, abordaremos os problemas e as contradições deste olhar supracitado e, para finalizar, vamos descrever a tendência dessa divergência na educação geográfica do Brasil e no Paraná, por meio da análise dos documentos que norteiam a sua educação e de fatos naturais atuais que nos remetem a esta dicotomia. O objetivo primordial é incitar uma visão crítica e holística deste embate de teorias que se deu na ciência geografia. A metodologia usada para criação deste artigo foi a de revisão bibliográfica.

O determinismo e o possibilismo

O determinismo do alemão Friedrich Ratzel

Antes de entrarmos propriamente no pensamento da escola determinista, é de grande importância ter um conhecimento básico sobre quem foi seu mentor. Friedrich Ratzel (1844-1904), filho de uma modesta família do Sudoeste da Alemanha, foi um grande pensador alemão, um dos principais teóricos clássicos da Geografia e o principal precursor da Geopolítica, Ambientalismo e do Determinismo Geográfico, estudou Zoologia na juventude e participou ativamente como militar da guerra de 1870 contra a França. Após a guerra, passou vários anos nos Estados Unidos da América como jornalista e visitou também o México. Em 1876, se tornou professor da Universidade de Munique, porém dez anos depois, ingressou na Universidade

de Leipzig, que tinha maior prestígio acadêmico. Escreveu diversas obras, a mais famosa foi “Antropogeografia – fundamentos da aplicação da Geografia e História”, que se fundamenta o chamado determinismo geográfico. Nas suas obras, pode-se perceber a influência de outros pensadores famosos, entre eles os geógrafos Alexander Von Humboldt e Carl Ritter, o sociólogo Auguste Comte, o filósofo Immanuel Kant, o naturalista Ernst Haeckel e, principalmente, o biólogo Charles Darwin.

À Ratzel deve-se a ênfase dos estudos geográficos sobre o homem. Por este motivo, muitos o consideram o pai da Geografia Humana. A teoria ratzeliana vê o homem a partir do ponto de vista biológico, e não o social. Portanto, não poderia ser visto fora das relações de causa e efeito que determinam as condições de vida no meio ambiente, pois o homem e a sociedade seriam um fruto do ambiente ao qual se encontram, se subordinando a ele, o ambiente influenciaria fortemente a fisiologia e a psicologia humana. Deste modo, Ratzel acreditava que seria possível explicar a história dos povos em função das relações de causa e efeito que se estabeleceriam na interação entre o homem e a natureza, de forma que aquelas sociedades que possuísem as características de melhor adaptação ao meio sobreviveriam. Os seres humanos, raças e etnias mais aptos venceriam e dominariam os povos considerados inferiores. Percebe-se como foi grande a influência do pensamento darwiniano em Ratzel, sendo adaptado para o homem e para a sociedade, criando assim o pensamento determinista ambiental geográfico.

É atribuído à Ratzel a elaboração do conceito de Espaço Vital, como nos afirma Moraes (2003, p. 70):

Ratzel elabora o conceito de ‘espaço vital’, este representaria uma proporção de equilíbrio entre a população de uma dada sociedade e os recursos disponíveis para suprir suas necessidades, definindo, portanto, suas potencialidades de progredir e suas premissas territoriais. É fácil observar a íntima vinculação entre as formulações de Ratzel, sua época e o projeto imperial alemão.

Assim como Moraes, outros autores citam o conceito de Espaço Vital como uma das bases do imperialismo, colonialismo e até do nazismo. Ratzel alegava que um estado deveria aumentar seu território e seus domínios para poder sobreviver e evoluir, assim justificava teoricamente a dominação dos povos europeus, que se colocaram como uma civilização mais desenvolvida e evoluída, com a intenção de dominar os povos inferiores e impor a eles sua cultura e o seu modo de vida, principalmente na África e América Latina. Seguindo seu interesse e desenvolvimento do conceito de Espaço Vital, Ratzel estudou muito o conceito e o comportamento do Estado moderno. Segundo ele, o Estado seria a sociedade organizada para construir, defender e expandir o seu território. Acreditava que essa seria uma forma de organização que aconteceria de forma natural em qualquer sociedade avançada. O Estado, para Ratzel, era um organismo vivo e o Espaço Vital tinha que ter grande importância para ele. Esta noção foi fundamental diante do contexto histórico alemão, que havia acabado de passar pelo seu processo de reunificação e precisava de uma base para justificar e se afirmar enquanto Estado, com intenção de crescimento, expansão e dominação, principalmente por estas ideias da relação entre o espaço, a sociedade e o estado. Ratzel foi considerado o Pai da Geopolítica, mesmo jamais tendo utilizado essa expressão, que foi criada por um de seus discípulos, o Sueco Rudolf Kjellén.

O possibilismo do francês Paul Vidal de la Blache

Paul Vidal de La Blache (1845-1918) nasceu no sul da França e foi um historiador e

geógrafo francês, sendo um dos principais nomes no que se refere à história do pensamento geográfico. Membro de uma família de militares e professores, seu pai, professor, queria para o filho a mesma profissão, por isso o mandou para um colégio interno em Paris, onde La Blache teria melhores condições para ter uma carreira promissora. Na juventude, estudante da Escola Normal Superior, dedicou seus estudos principalmente à História, mais tarde estuda também na Escola de Atenas, onde prepara sua tese sobre a Ásia Menor. Em 1875, é nomeado conferencista de Geografia da Universidade de Nancy e em 1880 se torna subdiretor da Escola Normal Superior. Já em 1898 vai para a famosa e reconhecida Universidade Sorbonne de Paris. Seu contato inicial com estudos aprofundados de Geografia se dá quando ele vai à Turquia para desenvolver seu trabalho e toma como guia uma obra que o famoso geógrafo Carl Ritter havia escrito sobre este país. A partir daí, começa a se dedicar aos estudos geográficos e chega a ser um dos grandes nomes desta ciência. La Blache conheceu muito bem a Europa e também boa parte do norte da África e da América do Norte. Produziu uma obra pequena, porém muito densa. Além do pensamento geográfico possibilista, La Blache também foi considerado o fundador da escola regional francesa.

La Blache rejeitava a ideia idealizada por Friedrich Ratzel, que caracterizou a escola alemã em geografia determinista, em que as condições naturais do meio ambiente influenciavam e determinavam as atividades humanas e sociais. Para La Blache, o homem também transformava o meio onde vivia, de forma que para as ações humanas, diversas possibilidades eram possíveis, uma vez que essas não obedeceriam a uma relação entre causa e efeito. Ele contraria a ideia de que o homem é, antes de tudo, passivo e submisso às condições locais e obrigado a se adaptar. Na análise Vidalina, a compreensão das relações homem/natureza se dá em toda sua complexidade, dando relevante atenção às iniciativas humanas transformadoras do meio ambiente.

Nas palavras do próprio La Blache, (1979, p. 8, tradução nossa):

É preciso partir da ideia de que uma região é um reservatório onde dormem energias na qual a natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele quem, ao submetê-las ao seu uso, traz à luz sua individualidade. Ele estabelece uma conexão entre os traços dispersos; aos efeitos incoerentes de circunstâncias locais, ele substitui um concurso sistemático de forças. É só então que uma região se precisa e se diferencia e transforma-se, por extensão, numa medalha cunhada à esfinge de um povo.

La Blache usava o método indutivo, para o qual para se chegar à individualidade regional necessita-se dos recortes de áreas diferenciadas com o propósito final de identificar as características comuns e, posteriormente, chegar a um plano de generalização. Assim sendo, ele incentivou e participou de muitas monografias sobre geografia regional, ou seja, estudos que se preocupavam apenas com uma determinada região e que se caracterizavam por serem extremamente descritivos. Por isso, o conceito de região foi muito importante na sua obra. Esse conceito estava associado às paisagens naturais, de forma que uma região existia no espaço independente da vontade do homem, restando aos pesquisadores apenas identificá-las e expor suas características.

Devido à sua formação, La Blache trouxe para o estudo da geografia a importância do tempo e da História, por isso foi tido com um dos grandes responsáveis pela difusão da Geografia Humana, apesar de afirmar que a geografia não deveria estudar o homem, mas o meio em que ele vive. A partir destes estudos e conceitos e de um método que se caracterizava por ser uma sequência linear entre observação, comparação e conclusão, La Blache se tornou um

dos maiores nomes da ciência geográfica e contribuiu para alavancar a Geografia Francesa para se “opor e combater” a Geografia Alemã de Friedrich Ratzel e as suas intenções geopolíticas.

Crítica literária

Quando analisamos os pensamentos geográficos, determinista de Ratzel e possibilista de La Blache, a luz da corrente geográfica majoritária, podemos perceber claramente uma dicotomia de ideias e quase nenhum ponto de convergência entre eles, é notório também que tratam a teoria determinista de Ratzel como se tivesse sido totalmente refutada pelas ideias de La Blache e que hoje estaria totalmente ultrapassada, com pouco ou até nada a contribuir para a Ciência Geográfica atual. No entanto, ao analisarmos as obras destes nobres geógrafos seriamente e, principalmente, partidariamente, podemos chegar, como alguns autores mais críticos e ousados chegaram, a uma conclusão bem diferente da comum, onde o determinismo não é tão “determinista” e o possibilismo não é tão “possibilista” e também onde Ratzel e La Blache tem vários pontos de convergência de ideias.

Para começar esta análise, é importante ter em mente que Ratzel e La Blache foram contemporâneos e apesar de o que pode parecer, eles nunca declararam “guerra” às ideias um do outro. A guerra entre as teorias foi declarada por um aluno de La Blache, chamado Lucien Paul Victor Febvre, francês, historiador primeiramente e geógrafo posteriormente. Principalmente em sua obra, “A terra e a evolução humana”, Febvre desvirtuou o pensamento de Ratzel o relegando a apenas umas afirmações lapidares meticulosamente escolhidas com o intuito de ligar este pensamento a uma ideia totalmente determinista, e no que tange a seu mestre La Blache, Febvre traçou quase o mesmo caminho: reduziu a Teoria Vidalina a algumas proposições persuasivas, porém, reduzindo e simplificando algo que jamais deu conta de honrar, um pensamento extenso e complexo como foi o de La Blache. Febvre ainda teve a audácia de nomear a teoria vidalina como “possibilista”, mesmo sabendo que o próprio La Blache jamais enunciou como tal e nem mesmo pronunciou este nome para sua doutrina.

É importante salientar que, de forma geral, a Ciência deve ser determinista, na medida em que busca uma ordem, uma regularidade, uma forma mesmo que complexa de causalidade, um encadeamento entre os fenômenos, sem a qual o conhecimento científico não seria possível. É consenso que cientistas como Albert Einstein, Isaac Newton, Max Plank, entre outros, aceitavam tranquilamente o que denominavam “princípio do determinismo”, segundo o qual os fenômenos são encadeados e se influenciam mutuamente, que existem causas, razões, efeitos e consequências naturais e determinadas. Entretanto, não podemos confundir este princípio com a ideia de determinismo absoluto de Laplace, que acreditava ser possível descobrir tudo, inclusive o passado e o futuro, desde que tivéssemos acesso a todas as informações necessárias. Temos que convir que esta ideia seria algo, no mínimo, improvável, ou seja, o princípio do determinismo, que também é conhecido como da “causalidade”, é algo intrínseco às ciências exatas, inclusive, é buscado também nas ciências humanas, apesar do famoso “livre-arbítrio” humano, segundo o qual nós não nos submetemos a leis férreas. Sendo assim, não se deve discutir o caráter determinista das ciências, mas sim qual seria a substância ou as relações causais deste determinismo. A ideia determinista humana, muito antes de Ratzel, já podia ser vislumbrada nos escritos de, entre outros, Hipócrates, Hegel, Montesquieu, Elisee Reclus e até Nicolau Maquiavel (1532), que em sua obra-prima “O Príncipe” afirma que, em parte, os acontecimentos políticos decorrem de circunstâncias externas do ambiente natural e em parte do livre-arbítrio dos sujeitos que agem. Assim, podemos notar que a ideia de determinismo ambiental está longe de ser uma ideia original Ratzeliana. O que Ratzel fez foi aglutinar e sistematizar estas ideias com seus estudos, e assim, trazer esta ideia para a ciência geográfica. No entanto, como vere-

mos agora, Ratzel está longe de ter uma ideia “extremista” de determinismo, como alegam seus detratores, e que inclusive La Blache seguiu algumas de suas ideias.

Em sua famosa obra “Evolução da Geografia Humana”, o famoso Geógrafo Francês Paul Claval (1974, p. 53, tradução nossa), atesta sobre Ratzel o seguinte:

[...] não se encontra em sua Antropogeografia nenhuma expressão abusivamente brutal das doutrinas ambientalistas as quais seu nome ficou vinculado. [...] as convicções referentes ao meio ambiente expostas por Ratzel não lhe pertencem exclusivamente. Pode se encontrar em qualquer parágrafo de Elisee Reclus afirmações muito mais contundentes que em nenhuma obra de Ratzel.

Ainda, para contribuir com esta afirmação do Geógrafo Claval, não poderíamos abrir mão das palavras do próprio Ratzel (RATZEL, 1899, p. 65 apud MERCIER, 1995, p. 12), que nos afirma: “Foi em vão que o homem buscou traços característicos deste ou daquele país na configuração do solo e na composição do ar. A ideia segundo a qual as grandes diferenças qualitativas da terra seriam determinantes e duráveis é mítica”.

Por si mesmo, os dons da natureza não mudam com o tempo nem em espécie e nem em quantidade, mesmo se o abastecimento de bens úteis, que varia de ano em ano, for imprevisível. Esses dons dependem de certas circunstâncias externas; são restritos a certas zonas, a altitudes particulares e a diferentes tipos de solos. Inicialmente, o poder do Homem sobre esses dons está sujeito a limites estreitos que podem ser repelidos pelo desenvolvimento de sua força intelectual e por sua vontade, embora tais limites jamais possam ser abolidos completamente. Por outro lado, as forças do Homem não pertencem senão a ele mesmo; ele pode não somente utilizá-las, mas também multiplicá-las e reforçá-las sem que se possa pelo menos até hoje colocar-lhe limites (RATZEL, 1894, p. 25 apud MERCIER, 1995, p. 13).

Pode-se perceber neste trecho de Ratzel claramente a ideia de que o homem é limitado pela natureza até certo ponto e que esse limite jamais pode ser totalmente abolido, dependendo para isso da sua inteligência e vontade. Aqui se apresentam alguns conceitos claros da ideia possibilista.

Mais contundente ainda, Ratzel (1906, p. 36, tradução nossa) afirma:

Não podemos fugir das influências precisas de nosso ambiente, principalmente das que atuam em nossos corpos; lembro as que se referem ao clima e à oferta de alimentos. É sabido que também o espírito se encontra sob influência dos caracteres gerais do cenário que nos cerca. Por outro lado, o grau que essa influência desempenha vai depender, em grande medida, da força da vontade que a ela resista. Podemos nos defender dela, contanto que o queiramos. Um rio que, para um povo preguiçoso, constitui um limite para um povo decidido pode não ser uma barreira [...] não há coação nem nenhuma lei inflexível, mas sim amplos limites, dentro dos quais o homem consegue impor a sua vontade e até mesmo seu despotismo. E é isto precisamente que tanto dificulta todos os estudos sobre a relação entre história e ambiente natural, a ponto de podermos falar apenas de gerais especificadas, pois há um fator nessa relação, nessa ligação, que não é precisamente calculável para cada caso isolado, porque é livre; trata-se da vontade humana.

Nesta passagem de sua obra, fica muito clara a sua total oposição ao determinismo extremo que alguns o relegam, ele deixa bem claro que o grau da influência do meio natural vai

depende, em grande parte, da força de resistência do homem.

Após termos apresentado poucas, mas contundentes passagens de Ratzel, veremos agora o que Claval (1974, p. 71-72, tradução nossa) nos diz sobre a ideia possibilista de La Blache:

[...] o possibilismo passou então a integrar alguns dos conceitos valorizados pelo ambientalismo, os quais conseguiu purificar e ainda por cima enriquecer [...] equivale isto a afirmar que a geografia humana ia derivar deliberadamente para o estudo das ciências humanas, e converter-se essencialmente em uma ciência social? Evidentemente não, e é aqui onde Vidal de La Blache aparece como herdeiro, quem sabe inconsciente da tradição atribuída à escola determinista [...] esta ideia procedia da geografia determinista, mas Vidal de La Blache lhe conferiu um rigor que jamais havia possuído com Ratzel.

Já podemos notar, nesta curta passagem de Claval, que a obra de La Blache sofreu influência e ainda aprofundou algumas ideias de Ratzel. Ainda mais enfático, o geógrafo Vincent Berdoulay afirma que: “La Blache não foi apenas influenciado por Ratzel, mas que também ficou muito impressionado pela superioridade da ciência alemã em geral, a ponto mesmo, de alguns acusarem La Blache de praticar uma geografia de ‘empréstimo’ dos alemães” (BERDOULAY, 1981 apud MERCIER, 1995, p. 8). O próprio La Blache endossa:

Velhos hábitos de linguagem nos fazem seguidamente considerar a natureza e o homem como dois termos opostos, dois adversários em duelo. Todavia, o homem não é ‘como um império num império’; ele faz parte da criação vivente, é seu colaborador mais ativo. Ele não age sobre a natureza senão nela e por ela. [...] é evidente que, por seus órgãos de respiração, nutrição e secreção, [o Homem] permanece, como os animais, impregnado das influências do meio ambiente (LA BLACHE, 1903, p. 222 apud MERCIER, 1995, p. 14)

Podemos notar que La Blache reconhecia que o homem permanece impregnado das influências ambientais, mas que pode, conforme sua evolução, ser um colaborador transformador, quase que parafraseando Ratzel em suas colocações supracitadas.

Podemos perceber que nem Ratzel negava totalmente o possibilismo humano frente à natureza, nem La Blache negava totalmente o determinismo humano frente ao meio natural. Temos que ter cuidado com a leitura vulgar sobre as teorias, pois como o geógrafo Tim Unwin (1992, p. 262) nos alertou com grande mérito: “a crítica exacerbada ao determinismo geográfico obnubilou ou obscureceu a análise das influências do ambiente sobre o social”.

As teorias nos documentos norteadores da educação

A institucionalização da Geografia em território nacional só se consolidou a partir da década de 1930, quando as pesquisas desenvolvidas pretendiam compreender e descrever o território, com o objetivo de servir o Estado e seus interesses políticos e econômicos. No entanto, muito antes, ainda em 1837, o Colégio Pedro II no Rio de Janeiro incluiu em seu currículo os chamados princípios de Geografia, que tinham como objetivo enfatizar a descrição territorial, dimensão e belezas naturais do Brasil, e assim, despertar o “patriotismo” nos alunos. O Brasil, assim como a maioria dos países americanos, teve forte influência da Escola Francesa de Geografia e os resquícios desta influência pode ser notada até hoje, principalmente no ensino superior de Geografia. Um bom exemplo é o livro “Geografia: Introdução à ciência geográfica”, de Auro de Jesus Rodrigues, que é um dos livros mais recomendados na matéria de introdução à Geografia em diversos cursos superiores de Geografia. Neste livro, pode-se perceber a manei-

ra, talvez, tendenciosa ou superficial que são apresentadas as ideias de Ratzel, como a ligação das ideias de Ratzel com o expansionismo territorial alemão. Rodrigues (2008, p. 75) afirma: “para justificar a unificação, o nacionalismo e o expansionismo foram as ideias de Ratzel um instrumento poderoso de legitimação e expansionismo do Estado alemão recém-constituído”, omitindo que as ideias de La Blache também foram usadas para o mesmo ideal.

Agora, vamos partir para uma breve análise dos documentos que norteiam o ensino da Geografia no território nacional e estadual, sendo eles o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a DCE (Diretrizes Curriculares da Educação Básica), no que concerne a abordagem dos dois pensadores. Começando pelo PCN do terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental que corresponde aos anos finais do ensino fundamental, que traz poucas abordagens sobre o tema. Por meio de uma breve pesquisa, podemos constatar a diferença de abordagem que este documento faz entre os pensadores, sendo que nas pouco mais de 150 páginas, o nome de La Blache é citado cinco vezes e por mais impressionante que pareça o nome de Ratzel não é citado uma única vez. E ainda na primeira menção que o documento faz a La Blache em sua página 19, já fica explícito a forte influência de La Blache na Geografia brasileira:

Num segundo momento, a Geografia marcou o ensino pela criação do curso superior paralelamente à fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e do Departamento de Geografia em 1934. Nessa ocasião, professores oriundos da França, como Pierre Monbeig, Defontaines, com forte influência da escola de Vidal de La Blache, corroboraram esta tradição no Brasil (BRASIL, 1998, p. 19).

Vale lembrar que Pierre Monbeig foi um dos precursores da geografia científica no Brasil e o seu legado tem grande importância e influência na tendência francesa da geografia brasileira.

Passamos agora a DCE do Estado do Paraná, que se mostrou bem menos parcial. Em sua primeira citação de Ratzel e La Blache, em sua página 40, já deixa bem definido qual foi o papel dos dois pensadores:

O pensamento geográfico, da escola alemã, teve como precursores Humboldt (1769-1859) e Ritter (1779-1859), mas Ratzel (1844-1904) é apontado como fundador da Geografia sistematizada, institucionalizada e considerada científica. A escola francesa de pensamento geográfico teve como principal representante Vidal de La Blache.

Neste pequeno trecho, a DCE já mostra um grande mérito sobre a obra de Ratzel, além de dar a devida importância para La Blache também. Ainda sobre as ideias de Ratzel, a DCE afirma na mesma página 40: “Quanto mais culto um povo, maior o domínio sobre a Natureza, o que proporcionaria melhores condições de vida, conseqüentemente, o aumento da população e a necessidade de mais espaço para continuar seu processo evolutivo”, explicitando assim a correta noção de que o pensamento de Ratzel não era radicalmente determinista como nos colocam várias obras, mas sim, que o homem culto poderia ter grande domínio da natureza para viver melhor. No que concerne as ideias de La Blache a DCE (2008, p. 41) cita a seguinte passagem de Moraes (1987, p. 25-26):

O contato entre diferentes gêneros de vida seria, então, um elemento fundamental para o progresso humano, pois, para Vidal de La Blache, esse contato propiciaria verdadeiras oficinas de civilização. Esses argumentos, embora diferentes, da Geografia Alemã, também justificavam a colonização dos povos que desenvolveram gêneros de vida muito simples, fortalecendo a ideia de missão civilizadora europeia.

Não foram apenas as ideias de Ratzel que puderam ser usadas para justificar o Imperialismo e a Colonização sobre outros povos, mas também as de La Blache, ao contrário do que muitos outros autores declaram, ou omitem. Em passagens posteriores do documento paranaense, podemos notar as teorias dos dois pensadores, embora implicitamente, como nesta citação que aborda o conceito de Sociedade na Geografia (2008, p. 68):

A sociedade produz um intercâmbio com a natureza, de modo que a última se transforma em função dos interesses da primeira. Ao mesmo tempo, a natureza não deixa completamente de influenciar a sociedade, que produz seus espaços geográficos nas mais diversas condições naturais. Os aspectos naturais são, inegavelmente, componentes das paisagens e dos espaços geográficos, e na sociedade capitalista contribuem com a distribuição espacial das diferentes classes sociais, uma vez que interferem na determinação do preço dos solos urbano e rural.

Aqui, fica bem claro que a sociedade pode transformar a natureza para seu melhor desenvolvimento, mas também mostra que essa transformação pode ser limitada pelo meio natural, ideia totalmente aceita pelos dois pensadores. A DCE (2008, p. 73) ainda trata sobre a Dimensão Socioambiental do espaço Geográfico.

A natureza, que teve em sua gênese uma dinâmica autodeterminada, hoje sofre alterações em muitas de suas dinâmicas devido à ação humana. Basta lembrarmos as alterações climáticas, as obras de engenharia que modificam os rios (curso, vazão, profundidade etc.) e transpõem montanhas e cordilheiras (estradas, túneis), os desmatamentos que criam desertos ou, em encostas de morros, causam desmoronamentos. Dessa forma, torna-se fundamental compreender tanto a gênese da dinâmica da natureza quanto as alterações nela causadas pelo homem, como efeito de participar na constituição da fisicidade do espaço geográfico.

Deixando explícito, o grande poder de transformação humana do meio natural, tanto para o bem, como para a agilidade e conforto que algumas dessas transformações nos dão, mas também para o mal, assumindo os riscos destas modificações, como as mudanças climáticas decorridas destas.

Possíveis consequências no mundo atual

Um tema muito debatido hoje em todo mundo e em todos os níveis de estudo é o Aquecimento Global, segundo o qual a terra está aquecendo mais do que deveria e assim teremos sérios problemas ambientais em um futuro próximo. Esse aquecimento se daria, principalmente, por razões antrópicas, sendo os principais, a alta emissão atmosférica de gases de efeito estufa, como o Dióxido de Carbono e o Metano, entre outros. No entanto, esse tema não é consenso no meio acadêmico. Apesar de a grande maioria apoiar esta tese, existem alguns que não concordam e alegam, entre outros argumentos, que o homem não teria capacidade suficiente para mudar drasticamente o clima em nível global, já que os oceanos e o sol são os principais responsáveis por nossa regulação climática mundial. A grande maioria dos estudos são unânimes em afirmar que é o homem que está acelerando as mudanças climáticas.

O humano tem evoluído cada vez mais em sua dominação do espaço terrestre, como previam os dois teóricos em questão, principalmente devido à evolução da ciência e da tecnologia, que proporcionam à engenharia a possibilidade de projetar e construir obras “faraônicas”. Como exemplos, podemos citar o Eurotúnel, que atravessa o canal da mancha ligando França e Inglaterra pelo mar; edifícios “arranha-céus”, que chegam a quase mil metros de altura; gran-

des ilhas artificiais; túneis que atravessam montanhas; grandes cidades construídas no meio do deserto, como Dubai e Las Vegas, ou em lugares extremamente frios, como a Sibéria e a Patagônia. Estes exemplos mostram um possível triunfo humano frente à natureza, porém, estas possibilidades ainda são muito limitadas pela natureza, a qual hora ou outra nos dá o ar de sua força e imponência. Quase todo ano, temos notícias de fatos naturais que dizimam milhares de vidas pelo mundo, destroem as obras humanas e modificam o espaço geográfico, como terremotos, furacões, alagamentos, *tsunamis*, erupções vulcânicas etc. Podemos citar exemplos recentes, como quando o vulcão islandês Eyjafjallajökull entrou em erupção em 2010, causando grandes problemas em grande parte da Europa com a paralisação de voos em diversos países; em 2005, foi a vez dos Estados Unidos sofrerem com o furacão Katrina, que destruiu a cidade de Nova Orleans, ceifando milhares de vidas; no Haiti, em 2010, um grande terremoto destruiu boa parte do país e também matou milhares de pessoas; e para finalizar nossos exemplos, citamos o *tsunami* de 2004 na Ásia, que matou mais de 200 mil pessoas, a maioria na Indonésia.

Apesar de toda evolução tecnológica, o homem está muito ligado e limitado às forças do meio, conforme enfatizavam os dois pensadores (Ratzel com maior contundência). Ratzel disponibiliza os recursos naturais necessários para a evolução, sendo que o domínio humano sobre o espaço natural é o mesmo que cria os desastres naturais que tanto assustam, limitam e destroem as obras do homem. Podemos notar que embora oculto, este debate entre o determinismo e possibilismo humano frente à natureza ainda é atual e muito importante no mundo todo e vai continuar a ser.

A questão crucial não é saber se o homem tem grandes possibilidades frente à natureza, pois como vemos na história, com o avanço da ciência e tecnologia, o homem, cada dia mais, avança seu domínio sobre o meio, porém, o que devemos nos perguntar é o que causará este domínio irresponsável sobre o meio. Acreditamos que o aumento de desastres ambientais e, principalmente, o aquecimento global e dos oceanos, sejam alguns “avisos” da natureza dizendo que o homem está ultrapassando suas possibilidades e que deveria respeitar mais as “determinações” impostas por ela.

Destarte, salientamos que, como já supracitados pelos dois pensadores, o homem tem suas “raízes” na natureza, então jamais podemos tratá-la como algo descartável, pois se a eliminamos hoje, nós seremos os eliminados amanhã, como nos afirmou com grande inspiração o famoso sociólogo e filósofo alemão Karl Marx (1844 apud RESK, 2015): “O homem vive da natureza, isto é, a natureza é seu corpo, e tem que manter com ela um diálogo ininterrupto se não quiser morrer. Dizer que a vida física e mental do homem está ligada à natureza significa simplesmente que a natureza está ligada a si mesma, porque o homem é parte dela”.

Considerações finais

É notório que grande parte da escola geográfica mundial e, principalmente, brasileira persistem em uma leitura equivocada das teorias de Ratzel e La Blache, mas após a edição deste artigo, podemos constatar que esta contradição é e sempre foi algo sem sentido do ponto de vista epistemológico, visto que mais atrapalhou que ajudou no desenvolvimento da geografia. Acreditamos também que esta contradição é fruto mais do ego partidário destes geógrafos, que querem de todas as formas propagarem seu lado doutrinário do que realmente de uma contradição epistemológica fundamentada, já que podemos ver que os argumentos dos críticos, em geral não se sustentam. Vimos que os dois geógrafos concordaram com o postulado de que o homem estaria submetido à natureza devido a sua existência eminentemente física, mas que, no entanto, tem o poder de, conforme sua evolução intelectual e material, se servir da natureza para satisfazer suas necessidades e sustentar seu progresso, mas jamais se desvencilhando totalmente de

seu elo e dependência do meio ambiente. Ficou claro também a diferença das abordagens do PCN Brasileiro e da DCE Paranaense, no que tange aos pensadores e suas obras. A DCE nos traz uma abordagem mais completa e crítica sobre o assunto. Finalizando, mostramos as consequências destas teorias na dominação humana sobre o espaço geográfico.

Enfim, nos resta destacar a grande importância das obras dos dois autores e que devemos ter um olhar mais crítico e minucioso sobre suas obras, não reduzindo a meras passagens isoladas e teorias simplistas.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Geografia**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental: Brasília (DF), 1998.

CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. Barcelona: Oikos-tau, 1974.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Escolares da Educação Básica – Geografia**. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Básica: Curitiba (PR), 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MERCIER, Guy. A Região e o Estado Segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache. **Annales de Géographie**. Paris, n. 583, 1995.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia – Pequena História Crítica**. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

PENA, Rodolfo Alves. **Friedrich Ratzel**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/friedrich-ratzel.htm>> Acesso em: 2 maio 2015.

RATZEL, Friedrich. **Las razas humanas**. Barcelona: Montaner y Simon, 1906.

RESK, Sucena Shkrada. **A Ecologia de Marx**. Disponível em: <<http://filosofiacienciaevida.uol.com.br/ESFI/Edicoes/41/artigo158665-1.asp>> Acesso em: 6 maio 2015.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia - Introdução à Ciência Geográfica**. São Paulo: Avercamp, 2008.

UNWIN, Tim. **The Place of Geography**. Londres: Longman Group, 1992.

VIDAL DE LA BLACHE, Paul. **Tableau de la géographie de la France**. Paris: Tallandier, 1979.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.